

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO EDUARDO MAHON



ESCUta CUIABÁ!

Nesta efeméride, seria eu sacrílego não penhorasse a Deus e a N. Senhora de Auxiliadora minha vida, ingrato ao não dedicar aos meus pais Geraldo e Carla, aqui presentes, toda a honra da vitória e infiel ao não enaltecer a amada esposa, Clarisse, pelo orgulho do nome que quis carregar. Amigos e irmãos estão aí a florir esta Casa de Leverger, penhorando condescendência com o orador.

Eis os sustentos capazes de saciar um homem. Rogo seja a religião sempre o alimento da alma; a Maçonaria, a disciplina moral; a Ordem dos Advogados, um luminar ético; a família, o local de remanso e o Grande Geômetra, infinito perdão. Armado com este credo, aqui vão alinhavadas as primeiras linhas do discurso de posse nesta Academia de Letras.

Pelas mãos dos amigos José Cidalino Carrara, meu dileto professor José Ferreira de Freitas, e padrinho Avelino Tavares, fui guindado ao notável silogeu mato-grossense, com o amparo dos irmãos do sul e do norte e a viva concórdia dos imortais cuiabanos. Granjeei a sensibilidade dos confrades, em paralelo com o vigor do jornalista e acadêmico Pedro Rocha Jucá. Uma das vantagens da imortalidade é receber eterna homenagem. Recebam, pois, amigos e confrades, a justa recompensa da gratidão – agora e para a eternidade.

“Sob o signo de uma flor¹”, saúdo também as mulheres que adornam este Parnaso Cuiabano, na antevéspera da posse, sentindo a saudade de Ana Maria de Arruda Muller e Dunga Rodrigues, compensando-a com a alegria do convívio com a acadêmica e amiga Amini Hadad, além das beletistas de escol - Nilza Queiroz, Vera Randazzo e Elizabeth Madureira. Como já disse o imortal João Antônio Neto², ao receber Yasmin Nadaf, a mulher “*amplia e requinta o número de mulheres que engrinaldam esta Casa*” e prossegue: “*o papel da mulher não é somente aquele de limitar-se ao âmbito da casa e da reprodução, sem aspirar a pontos de relevo na esfera do trabalho, da cidadania e do pensamento*”.

Não é desdouro empalidecer frente ao mister de passar em revista aos predecessores imortais que honraram a cultura mato-grossense, após o sufrágio responsável pela minha eleição. Tal qual anotou o prelado Francisco de Aquino Corrêa, trata-se de uma “*humilhação gloriosa*”³. Digo eu - postar-se diante do Olimpo dos vivos-para-sempre e dos Jardins Elíseos dos nunca-mortos é descarnar-se até à alma para, supliciado pelo exame acurado dos pares, fazer jus ao assento da eternidade. Vamos à dissecação do saber, a espezinhar a estultícia ou a laurear o merecimento do orador, ora recipiendário.

1 *Sob o Signo de uma Flor é o título da dissertação de mestrado da hoje Pós-Dra. Yasmin Nadaf.*

2 *Em discurso de recepção, do dia 27 de outubro de 1995.*

3 *No discurso de posse na Academia Brasileira de Letras.*

Hoje, neste mesmo dia 13 de dezembro⁴, há 235 anos, tomava posse o do capitão-general Luis D'Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, o maior estadista da Capitania de Mato Grosso, num feliz presságio para a nossa terra e para esta noite. E com este augúrio que, com alegria, cumpre-me percorrer a senda dos que, almejando a cátedra da imortalidade mato-grossense, vêm ao patíbulo da crítica, expostos que são às luzes dos demais confrades, mormente dos que saíram derrotados, não menos dignos e ilustrados.

Debutação nesta Academia, inquebrantável incumbência de perdurar após o discurso, na bem-querença dos imortais. Aqui estou, pois, agraciado pelos convivas e por toda a assembleia, sob a sombra de Pereira e Cáceres, de um lado e Leverger, de outro. Tão ou mais emocionado que no noviciado no Colégio Salesiano São Gonçalo, de onde dei os primeiros passos rumo às letras.

Já vaticinava o acadêmico Archimedes Pereira Lima: *“é detestável, como dizia Pascal, o falar na primeira pessoa. Para Molière, constituía defeito ético imperdoável o iniciar-se uma oração empregando o moi, que o autor de Tartufo considerava um pronome simplesmente odioso. Solidário com o conceito, e praticando-o, tenho, hoje que violá-lo. Procurarei, contudo, atenuar o dislate, sendo breve nesta introdução”*. Digo eu - da licença pronominal à brevidade da fala, emprestamos à intenção de ambas as características como um augúrio do meu discurso de posse neste colendo Sodalício de Letras.

Como tudo o mais na vida, alegrias sucedem tristezas e, por esta oportunidade, ultrapassada a dor da saudade que trespassou o coração dos familiares e amigos dos saudosos acadêmicos, ver nascer a flor da esperança pelas inábeis palavras do legatário, é um bálsamo e uma renovação da aliança prometida por Nosso Senhor Jesus Cristo: perpétua recompensa aos bons que foram os predecessores a antever o destino dos que se conservam retos. Seja o rigozijo pela vida e pela paz dos imortais, o âmago das intenções póstumas.

Cumpre-me denunciar-me, já no prólogo, ao buscar o socorro amistoso dos instados convivas de antanho, malgrado não estando entre nós fisicamente aqui soprando, neste momento, o murmúrio da inspiração. Aí está, não a exéquia protocolar que leva à compunção, e sim a alegria de nos reunirmos nesta noite para celebrar Augusto João Manuel Leverger, Estevão de Mendonça e António de Arruda, todos encastelados no panteão das estrelas que rivalizam com o céu cuiabano. As lembranças destes enge-

4 *Eis a participação do acadêmico Pedro Rocha Jucá: 13/12/1772: Ao contrário dos seus dois antecessores, ele viajou por terra do Rio de Janeiro a Vila Bela, percorrendo 569 léguas em 24 dias. Chegou a Cuiabá em 04/10/1772, por volta das 17:00 horas, e ficou hospedado na melhor casa de então que existia, no antigo Largo da Mandioca, hoje Praça Conde de Azambuja, que ficou conhecida, antes mesmo do de Vila Bela, como Palácio do Capitães-Generais, embora já demolido, no encontro das ruas Pedro Celestino e Governador Rondon. Administrou a Capitania durante 16 anos, onze meses e sete dias, sendo o governante mato-grossense que mais tempo permaneceu no cargo. Fundou as cidades de Ladário, Corumbá, Poconé e Cáceres e ampliou o território de Mato Grosso para além do Rio Paraguai e chegou à margem esquerda do Rio Araguaia. Sonhou, também, com a interligação das bacias do Prata e do Amazonas, através dos rios Alegre e Aguapeí, por um canal. Construiu, também, o Palácio dos Capitães-Generais de Vila Bela. Retornando a Lisboa, foi designado para compor o Conselho Ultramarino, em reconhecimento pelos valiosos serviços prestados a Portugal em Mato Grosso.*

nhosos beletristas são aqui inventariadas a apequenar o orador que é mais apresentador do que apresentado.

Ao contrário do vulgarmente suspeitado, a assunção ao assento da imortalidade é mais uma coroa de espinhos do que de louros. Nestas alturas, ascendem os renunciantes de comendas e glórias, a tomar para si o calvário da hercúlea responsabilidade de suceder os que foram destas plagas para o imorredouro destino. Humilíssimo, ousou bater às portas da Casa de Leverger, ele mesmo patrono da cadeira que será meu assento vitalício e às dos corações dos confrades a amparar as falências estilísticas do novel acadêmico.

Arrimando-me com a memória e a obra dos que hoje me eclipsam e precedem, sem tardança, adiantemo-nos à inglória tarefa de mencionar, ainda que palidamente, os homens responsáveis pelo orgulho de meu sufrágio.

O PATRONO – AUGUSTO JOÃO MANUEL LEVERGER

Não serei imprudente ao ponto de jungir-me aos imortais que me precederam no ofício de minuciar biografias, mormente a esquadrihar a personalidade de Leverger que empresta a Casa para os festejos de posse daquele que se assenta na cadeira dele. Seria por demais incauto porfiar com minhas limitações, resumindo-me rogar atenção da assembleia para notas pitorescas do Barão de Melgaço, exonerando-me aos confrades de ensinar padre-nosso a vigário.

Jaz no Cemitério da Piedade os despojos do corpo de Augusto João Manuel Leverger. Cognominado “bretão cuiabanizado”, logo após sua morte com quase 78 anos, em 14 de janeiro de 1880, encantou-se para o povo mato-grossense, como diria João Guimarães Rosa. O Barão de Melgaço é daqueles paradigmas que faz um povo sentir-se com vontade de ser melhor, ao enfrentar desafios como o do francês que se embrenhou nos sertões brasileiros e descobriu em Mato Grosso a sua paragem. Geógrafo, ingressou na marinha de guerra brasileira como segundo-tenente e findou a carreira como chefe-de-esquadra.

Erguendo a flâmula brasileira, o estrangeiro assumiu uma identidade por bemquerença. Já na chegada a Cuiabá, em 23 de novembro de 1830, a fim de inventariar projetos hidrográficos, não tardou a inteligência destacar-se para alçar nove anos mais tarde o cargo de Cônsul-Geral do Brasil, com o escopo de entabular boas relações com o Paraguai, mormente no tocante à navegação do Rio Paraguai e ao estabelecimento de fronteiras. Esse cargo, só o aceitou em 1843.

Rechaçando as tropas lopezinas, paraguaios que rugiam nos quintais mato-grossenses, consagrado foi Leverger herói nacional e, mais intimamente, espetou-se com a medalha da glória local. Ninguém melhor que o próprio António de Arruda⁵ para descrever o brio do bretão: *“ante as primeiras notícias sobre a invasão paraguaia, passou a frequentar o Palácio do Governo, assistindo ao Presidente, com seus conselhos. Quando soube, altas horas da noite, da desastrada volta da expedição, saiu do Coxipó, no mesmo instante e, sem sequer se despedir da esposa, foi apresentar-se ao Presidente, colocando—se à*

⁵ Trecho extraído de *Vultos Eminentes*, 1999, Ed. Defanti.

disposição para organizar a defesa”. E prossegue, após o avanço da missão: “desapareceu o pânico. Concentrando-se em Melgaço, com Leverger à frente, os defensores da cidade só pensavam em sustar o inimigo. Todos os preparativos foram feitos para esse fim. Mas a confiança residia principalmente no exemplo e no prestígio de Leverger. Naquele momento, ele se transformou no antemural do Brasil em Mato Grosso, segundo o dístico famoso de Taunay”.

Digo eu - de Melgaço fortificado contra as tropas hostis, impedindo a arremetida beligerante e recolheu os louros da peleja com o baronato em 7 de julho de 1864. A simplicidade do já barão era tamanha que oficiou ao próprio Imperador, confessando: *“peço a V.Ex. o obséquio de tratar da obtenção do diploma, brasão, etc., pois não tenho tempo nem facilidade de imaginar coisa alguma a esse respeito. Ministrear-lhe-ei as seguintes verídicas informações. Não sei a significação nem a etimologia de Melgaço. É o nome de uma série de colinas que bordam o Rio Cuiabá, distante vinte léguas...”*

Pouco escreveu e as letras que chamava em seu auxílio eram todas elas úteis para si e para o povo: foi suficiente para sua obra entrar nos anais de estudos mais concorridos. “Os apontamentos para o Dicionário Geográfico de Mato Grosso”, o “Roteiro e Navegação do Rio Paraguai” e finalmente, “Vias de Comunicação em Mato Grosso”, equiparam-no ao trabalho do melhor enciclopedista. Menciona-se, ainda, o excepcional trabalho do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, ao reeditar as cronologias histórias dos séculos XVIII a XIX, reunidas por Leverger.

Tão úteis eram os apontamentos de Melgaço que, em momentos críticos da política nacional e regional, chegaram a ser amplamente usados pelos governantes. Cite-se, à guiza de exemplo, o subsídio geográfico na questão do Tratado de Petrópolis, onde as anotações de Lerverger foram decisivas. Conforme o Prof. Alfredo da Mota Menezes⁶: *“o governo de Totó Paes descobriu, nos arquivos, a carta que o Barão havia mandado em 16 de março de 1852 ao Conselheiro Duarte Ribeiro, onde mostrava os lugares que o Brasil poderia ceder à Bolívia, ‘sem inconveniente para este estado e para o Brasil’. No que ele fala, interessantemente, estava já incluído o que o Brasil cederia anos depois à Bolívia pelo Tratado de Petrópolis. O Barão de Melgaço era um entendido em demarcações de terras e fronteiras. Ele fez minuciosa descrição de lagoas, rios, alagados, matas, do que existia ali, das dificuldades de acesso, da falta de água em certos lugares, se havia condições ou não de navegação, de onde se poderia fazê-la, o que era vantagem ou não para o Brasil”.*

Senhores, há homens que merecem a glória em vida e outros que na morte encontram não só o descanso como o pétreo esquecimento. Os primeiros pertencem aos signos monumentais, estátuas vivas que caminham placidamente nas ruas e fazem das vicissitudes do povo, as suas próprias. Os outros, rastejam pela vida, desonrando mesmo a condição humana. Detenhamo-nos a atenção no belo, no bom e no forte. Não sucumbamos à tentação de empenhar labor aos sapos. Leverger surge como um desses memoriais de amor ao Brasil, campeando a vida nas baixadas alagadiças, a merecer içamento a Presidência e Vice-Presidência da Província por D. Pedro II, diversas vezes.

6 *A Morte de Totó Paes – Política no Interior do Brasil, 2007, Carlini & Caniato Editorial.*

Do imortal Virgílio Corrêa Filho⁷, exsurge o depoimento: *“em meio ao Segundo Reinado, agiganta-se Augusto Leverger, o bretão cuiabanizado, que os bons fados enviaram à Província distante, para lhe estudar a hidrografia, a história e dignificar-lhes a administração, além de a defender contra a investida avassaladora da invasão paraguaia, assim merecendo do governo imperial o título de Barão de Melgaço, em recompensa a incomparáveis feitos”*.

Resta do Barão uma fria estátua no Cemitério da Piedade, convergência inexorável dos homens. Todavia, da alma eterna do homem Augusto João Manuel Leverger, nascem toda a sorte de músicas, poesias, contos, biografias. E, por derradeiro, deu à luz à Academia Mato-grossense de Letras, ao abraçar seus filhos na própria casa, ainda que não fosse um literato. Eis aí ineludível comprovação de que a erudição não sobrevive órfã dos mecenas e, no caso, o Barão de Melgaço presta o mecenato perpétuo aos pósteros que defenderão a vida e honra do patrono maior deste emérito Sodalício.

Aqui conosco receba, pois, Leverger, o maior soldo imaginável, comenda peregrina que nem o Imperador logrou conceder – a lealdade mato-grossense. Estarei eu e muitos depois de mim, assentados na Cadeira do Barão, infatigáveis a lembrar-lhe o lustro! Cumpre-me assim cerrar o alfarrábio novecentista para inaugurar outra mais recente biografia, mas não menos ilustre.

O ANTECESSOR – ANTÓNIO DE ARRUDA

Resta ultimar homenagens àquele que vagou o assento magno, emérito Desembargador António de Arruda. Embaciando ainda mais, e definitivamente, os méritos deste recipiendário, por oportunidade dos comentários sobre o certame que o alçou à Academia Mato-grossense de Letras, consignou: *“quando, a convite de José de Mesquita, me inscrevi na vaga de Estevão de Mendonça, também não visitei os acadêmicos nem lhes solicitei os votos. Não por desapeço à Instituição ou aos futuros confrades (...) Jamais pedi para mim a quem quer que seja emprego ou honrarias, e os que obtive foram por espontâneo oferecimento de outrem”*. A vida tracejada de independência, emoldurada das glórias dos homens e da bem-querença divina, será objeto da última e mais cara menção.

Ao contrário do antecessor, cuja fama o precedia, fui à cata do bom convívio dos imortais acadêmicos, compulsando os méritos de António de Arruda e enfrentando a sombra da saudosa memória. Mais que obrigação, pareceu-me prazerosa a leitura do memorialismo da arte cronista de Arruda: “Relembrações”, “Um Olhar Distante”, “O Linguajar Cuiabano”, “Vultos Eminentíssimos”, “Cadeiras na Calçada” são mais que obras publicadas: tratam-se da vida cuiabana e as impressões do mundo por um cuiabano nascido no Porto, em 29 de agosto de 1911, que compôs com seu talento a Casa de Leverger, somando forças, tanto na Academia de Letras, como no Instituto Histórico.

Qual não foi a grata surpresa ao sentir do árcade, no espelho da vida proba, na reta trilha da vida jurídica, energia necessária para aventurar-me no dossel das letras mato-grossenses ao embebedar-me dos sonhos que tomei de empréstimo para sonhar também. Não foi sacrifício, senão uma aprazível função, descortinar o pensamento, as

⁷ Galeria Matogrossense – Pedro Celestino, Editora Zélio Valverde, 1945.

obras, a vida do homem que fez do Direito uma profissão de fé. Foi advogado, promotor, Procurador Geral do Estado, Desembargador e Presidente do Tribunal de Justiça por três períodos, Corregedor Geral de Justiça, juiz e Presidente do Tribunal Regional Eleitoral, Vice-Presidente da Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil, fundador da Faculdade de Direito de Cuiabá, hoje integrada com a Universidade Federal de Mato Grosso.

O ano de 1937 foi particularmente marcante para Arruda. Convidado pelo então Presidente Mário Côrrea para a vaga de Promotor da Capital, instado pelo pai a regressar à Cuiabá, o jovem jurista António aportou novamente com o ato de posse já lavrado. Ano turbulento para o Judiciário, em julgamento de mandado de segurança contra o processo de impeachment ao Presidente, onde o José de Mesquita conclama as forças federais a intervirem no Estado, restaurando a segurança local. Exílio de Mário Côrrea, sua morte em seguida. A oposição toma espaço, com a posse interina de Júlio Muller que acaba por tomar assento definitivo na Presidência do Estado de Mato Grosso até 1945, com a derrocada do Estado Novo. Nem situação, nem oposição – Arruda mantém-se no cargo, malgrado a ebulição política.

Por fim, deu-nos um último orgulho ao ser o primeiro mato-grossense a ingressar nos quadros da Escola Superior de Guerra, instituição querida que lhe rendeu homenagens até o derradeiro dia. A despeito dos cargos, jamais se deu à sinecura, entretanto. Trabalhou vivamente em cada função com o ardor apaixonado, dispensando prebendas. Fez da magistratura o supremo exemplo para abrilhantar o TJMT, púlpito de talentos incontestes que, aliás, carece ser valorizado a contento o nosso Judiciário Mato-grossense.

Agradecemos todos, Dr. Arruda! Os advogados que tiveram braço forte na defesa das prerrogativas, o Ministério Público que se ilustrou com a serenidade e equilíbrio do jurista e, especialmente, a Justiça Mato-grossense certamente agradece ao Desembargador Arruda pelo exemplo e, hodiernamente, inspira-se vivamente nos legando outros confrades juízes Amini Hadad Campos, Wanderlei José dos Reis, o Desembargador Benedito Pereira do Nascimento e o próprio Ministro do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Ferreira Mendes.

Senhores! Não estamos a chorar no féretro ou puxar um cortejo de saudade e nem tampouco a Casa Barão de Melgaço é jazigo para a tristeza, senão salão de alegrias. “No limiar dos 90 anos”, Arruda ainda gracejava com a vida. Não nos entristecemos com a passagem do mestre, senão nos rejubilemos com os seus ensinamentos e festejemos a alegria desta herança legada por António de Arruda e D. Lélia, com os filhos Heraldo, Eliôni e Glória Maria e Vera Leda. Meu confrade Arruda, escuta Shakespeare pela minha boca: “Tarde demais o conheci, por fim; cedo demais, sem conhecê-lo, amei-o”.

O que se extrai da leitura das crônicas do acadêmico que se foi? Prezava parolar da política, dos hábitos cuiabanos, da literatura e das coisas mais comezinhas que são engrandecidas pelo olhar, ainda que distante. Três grandes acontecimentos alumbraram o espírito de António de Arruda – o seu regresso a Cuiabá como bacharel em letras

jurídicas em 1937, a postura de José de Mesquita na manutenção do poder do então conturbado mandato do Governador Mário Corrêa e a marca indelével do advogado e promotor na vida dedicada às lãureas da judicatura. Esse conjunto de circunstâncias está tatuado firmemente no memorial erigido por Arruda, publicado em todos os livros lançados, tão impactante que foi para a construção da vida pública do augusto mestre.

Deixemos Arruda nos contar do seu ingresso neste Contubérnio de Letras: *“Em 1951, resolvi candidatar-me à cadeira 11 da Academia Mato-grossense de Letras que, como se sabe, não exige propriamente livros dos pretendentes às suas vagas, porém apenas publicações em jornais e revistas. Julguei então que essas crônicas, acrescidas de outras que publiquei posteriormente, poderiam compor pelo menos um livro de porte médio. Assim dactilografei-as e encadernei-as, em quatro vias, remetendo duas para a Academia, com a inscrição, ficando uma comigo e outra com o confrade e amigo Pedro Rocha Jucá, que guarda cuidadosamente, em pastas, recortes de todos os textos que venho espalhando em periódicos e revistas literárias”.*

Pelas mãos de José de Mesquita, grande eleitor da Academia, António de Arruda enfrentou concorrência com advogado sulista que havia escrito sobre cavalos. Com a verve perspicaz, Mesquita afirmava tratar-se de uma autobiografia e, assim, sufragou em vitória acachapante Arruda, neste sinédrio cultural. Vida assim feliz e repleta, filhos a bordar-lhe o nome, netos a redobrar a fama, colegas a aplaudir, o cenáculo a lembrá-lo.

Eis aí, Dr. Arruda que está conosco, a justa renda colhida pelo amor à família, às leis, às letras, à probidade. São cinco anos de saudade que se arrastam dia a dia, sem a companhia delicada do jurista. Receba, pois, Dr. António, as palmas dos seus pósteros e, com elas, o agradecimento da cuiabania que terá em sua memória mais um motivo de vaidade. Aqui está a sua família aplaudindo a memória do extremoso pai na particular saudade e na pública ausência. A responsabilidade de seguir com o nome do antecessor é enorme e conto com a família Arruda neste árduo apostolado.

A ACADEMIA

A cultura ganhou contornos reprográficos. O pecado da preguiça campeia as mentes dos jovens, exonerados da leitura e da pesquisa. As bibliotecas que já minguavam de habitantes, hoje estão em companhia apenas da solidão. Os meios de comunicação e tecnologia de informação pouco resgatam valores antigos, priorizando uma idiotia vernacular, mas de conhecimento imediato. Parece que há fome de conhecimento, mas é gula de informação. O conhecimento não se adquire num simples folhear de semanários: são anos de amizade aos livros, numa garimpagem da melhor expressão, amputando aqui e ali, como diria Drummond.

Foi o tempo do fino paladar pelos discursos, pelas poesias, pelas músicas: são tempos mortos? Pensamos restarem poucos nesta diária Termópilas—luta da cultura, da erudição, do belo – contra o vil degredo da ignorância. Há os que acorrem à literatura, dispensando a própria vida para salvaguardar a cabedal da cultura ocidental. São poucos, porém suficientes.

Raros os que bebem na teatrolgia grega a sapiência da ciência política e/ou aprendem com o escorço filosófico de Marco Túlio Cícero as vicissitudes do poder. E quem hoje se ri das ironias de Aristófanes? E quem se rói de tensão com as tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes? Da desalmada cultura, nascem os Creontes tiranos que jamais souberam do enfrentamento de Antígona. A bestialidade é o eclipse das luzes, sendo o recrudescimento das letras sinônimo do avanço do arbítrio.

É na literatura a resposta para a vida e o amparo da alma. Acheam-se os latinos, os gregos e, modernamente, os russos, franceses, alemães, ingleses para lecionar a vida. Não será o discurso de posse da Academia Mato-grossense dedicado ao estrangeirismo, se nestas quadras temos tantos valores, nossos vizinhos. Todavia, Senhores, quanto aos clássicos: quem não os leu, não vive – sobrevive.

Mais que os edifícios culturais alienígenas, está a sagacidade do leitor, ao esquadrinhar as letras da sua terra. O Brasil, já batizado pelos sermões de Pe. Antônio Vieira, embalou sonhos dos barrocos, arcadistas, romancistas, modernistas e encontrou-se a si mesmo no gênero popular. Mas o pior desajuizado é aquele que ignora e despreza a sua rua, o seu bairro, a sua cidade, o seu Estado, preterindo-os por fantasias distantes. De nada vale a erudição latina e a sofisticação grega, se não entendermos a música de Dunga Rodrigues; se mirarmos as lonjuras europeias e não nos sentarmos nas calçadas cuiabanas.

Ora, e ainda há temeridade em criticar uma Academia, numa bizarrice que denuncia a própria ignorância? Perguntam os apedeutos para que se presta uma Academia?! Serve como memória viva de um povo e destemido arquivo cultural a vergastar os iletrados que soçobram no tempo, ainda que poderosos. Serve para ensinar aos jejunos de inteligência o poder da palavra, subjugando a força abrutalhada da autoridade. Serve ainda para assombrar os que se excedem no poder e desprezam a letra. Serve, finalmente, para cabalar alento às vidas secas, na expressão de Graciliano Ramos.

Nesta Casa de Barão de Melgaço, sob a sombra espectral de José de Mesquita, Rubens e Estevão de Mendonça, Isác Povoas, Gervásio Leite, Francisco de Aquino Corrêa, Maria de Arruda Muller e tantos outros imortais, conservam-se mais que currículos – arquivam-se as memórias que orgulham por inspirar ou envergonham por divergir.

Mas não é só.

Recordo o discurso pronunciado pelo Prof. Lenine Póvoas, então Presidente desta Augusta Confraria de Letras, ao inaugurar a sessão solene do dia 13 de junho de 1985⁸: *“entre os muitos equívocos que por aí correm, a respeito das academias, está o de que elas devam ser integradas apenas por velhos, arcados ao peso dos anos já vividos e das muitas obras que tenham escrito. Se assim fosse, por certo não existiriam Academias. O importante é que os membros dessas instituições, considerando-se realizados pelo que já fizeram, não se entreguem ao imobilismo, vivendo apenas das glórias anteriormente conquistadas. O importante é que reúnam as credenciais necessárias para prosseguirem na luta iniciada e que não se isolem na Torre de Marfim de que nos falava Rosário Congro, na contemplação búdica do que já produziram”*.

Ao contrário do que se pensa, não se reúnem aqui catedráticos em exames de proficiência científica ou profissional. Não é a Academia Mato-grossense de Letras

8 Em solenidade de recepção ao acadêmico Sebastião Carlos Gomes de Carvalho.

uma banca universitária examinadora de currículo. Emparelhados estão os jornalistas, os poetas, os músicos, os juristas, os historiadores e a pletera de personalidades que defendem a palavra como instrumento de interseção do belo e do útil. Nessa altura, convém lembrar uma vez mais o Presidente de Honra da Casa Barão de Melgaço, D. Aquino Corrêa, em discurso de posse⁹ na Academia Brasileira de Letras: *“A literatura não pode reduzir-se a mero diletantismo. A ‘arte pela arte’ é legenda vaporosa e inexpressiva. Nos horizontes diáfanos das letras, há de brilhar um norte mais luminoso”*.

Senhores – é que a vida salta das letras e não é sepultada por elas.

E o que são os diplomas, as comendas, os títulos que amarelam e se esquecem, diante da imortalidade do espectro mato-grossense que se quer preservar? Já é hora de seguir adiante para abraçar a cultura popular, reconhecendo no berço poético da fala de um povo, o alfabeto mais caro até então grafado. Tarda superar o academicismo elitista que assombra um ou outro, ao passar em revista o histórico dos candidatos, descerrado o certame. Mais vale o escorço ético, lustro de caráter engastado na alma imortal às panóplias de papel, emolduras por cada qual.

Academia não é banca universitária, pois. O imortal Gervásio Leite, ao receber o jornalista Archimedes Pereira Lima: *Sois um homem de letras, uma eminência de vossa profissão, e esta Academia não se constitui apenas de literatos, mas daqueles que se servem da palavra para influir com vantagem nos destinos de seus contemporâneos culturais, que aqui realizam no encontro de inteligências uma obra de engrandecimento de nossa terra”*.

O parvo que faz ouvido mouco às lições do passado, some-se tristemente nos desvãos do esquecimento. Não é o caso, contudo. Pretendemos que os valores culturais de Mato Grosso sejam engalanados pela eternidade: somente assim é que as almas dos imortais aqui presentes, seja no plano físico ou astral, pulsarão vivas no imaginário do povo, como contas de um enorme rosário de orações. Seja a minha fala uma pequena conta a ser somada na crença popular de que a Casa Barão de Melgaço é o quintal onde o povo vem brincar e festejar a si mesmo.

E foi justamente neste sufrágio qualificado que os confrades deram-se as mãos e, não faltando nenhum neste banquete de letras, creditaram a Barão de Melgaço a confraternização. É tempo de desarmar ânimos, re-fundando em cada solenidade de posse as intenções acadêmicas que cimentam nosso convívio. E, para tanto, invocamos novamente o fundador desta egrégia Academia, D. Aquino Corrêa, em rigozijo¹⁰ pela eleição do primeiro mato-grossense para a Academia Brasileira de Letras: *“Tal se afigura a festa, que hoje aqui nos convoca a estes instantes de alegria e cordialidade. Não cabem aqui rancores nem desafetos, competições nem parcialidades, paixão alguma a cindir os ânimos; mas, ao contrário, aqui só vejo corações e inteligências, confraternizando no mesmo amor à terra comum, sob o pálio resplandecente do mesmo ideal de cultura e de progresso. É, deveras, uma festa da família mato-grossense, a que assiste divinamente a corcórdia”*.

⁹ A posse de Francisco de Aquino Corrêa na Academia Brasileira de Letras deu-se no Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1937.

¹⁰ Discurso realizado em Cuiabá, datado de 10 de junho de 1937.

Ainda que pesaroso pela incompreensão de alguns que, consoante Antônio Carlos Jobim afirmava – “*no Brasil, o sucesso é uma ofensa pessoal*”, sigo exultante, pois, aqui me encontro, Senhores Acadêmicos, dentre aqueles que já ascenderam ao silogeu mato-grossense, não a representar uma classe – a dos letrados nas leis – porque este Cenáculo Leverger não se presta às assembleias corporativas e sim às transfigurações pela palavra. Não está acolhido aqui apenas um advogado, embora a profissão lustre o *curriculum* de qualquer um, vez que a única estabilidade do advogado é sua competência. É a batalha de todo-dia que o advogado supera-se e aboletar-se em cadeiras, fazendo-as poltronas, é o prenúncio do malogro da profissão. Advogado sim, com muito orgulho! Mas não só.

Rememorando, porém, para o orgulho de uma tradicional e secular comunidade jurídica da qual comungou a inteligência acadêmica, neste primeiro século a fazer-se presente em quase todas as cadeiras da Confraria de Letras. Explica-se: nos tempos idos, ser reconhecidamente culto era formar-se nas ciências jurídicas. Era a toga ou a batina - a pelerine de antanho, no sagrar a vida pelas letras. O Brasil evoluiu e evoluíram as profissões, felizmente.

Embora os mato-grossenses tenham sido brindados com um Silva Freira, dos juristas o maior poeta, com um Renato Pimenta, indiscutível tribuno, com um jurisconsulto do quilate de Gervásio Leite ou de José Barnabé de Mesquita, creio falar outras línguas que não simplesmente a dos códigos.

Malgrado os juristas serem em número significativo no passado, no presente e, oxalá, no futuro, não é para facciosismo o meu apreço. Os que se dão às dissensões serão justamente aqueles isolados no castelo de sua especialidade emudecida, vítima do próprio narcisismo erudito – antolho da alma. A cultura desposa a democracia e gera uma prole. Das eugenias, mesmo as das rebuscadas cortes ou das primitivas tribos, nascem todas as deformidades, porém. Seja o homem prático e realizador, patrono de meu assento – o Barão de Melgaço – o inspirador de minhas condutas.

E como a cultura não conhece distinções, nem idades, façamos aqui uma avença com minha história e com a da Academia. Possam os confrades ensinar a este pupilo ser melhor, a render preito às tradições estatutárias e, algum dia, ombrear com os antecessores, não no cabedal cultural, mas na austeridade que compunha a personalidade do Prof. Estevão de Mendonça e do Desembargador Antônio de Arruda, patrimônio pelo qual também objeto de glosa pelo público imortal. Ficam aqui lavradas as disposições do novel testamentário:

Sejam minhas forças colocadas em vassalagem a Casa Barão de Melgaço e possa eu ser sulcado de rugas para este Alpendre Magno nunca esmorecer. Doam-me as juntas, falhem-me os olhos, seque-me a tez, falte-me a voz, mas não me roubem o ânimo da vida que, doravante, aqui faz morada. Deste himeneu, selado pela vontade dos pares, possa o conúbio findar-se com a entrega do corpo às inumações da Academia.

Voltemos nossa atenção por um instante para a educação. Pertence ao destino acadêmico à intervenção nos mais variados níveis escolares da literatura e história mato-grossense, a gabaritar bibliografias e metodologias. A Academia Mato-grossense de

Letras pode emprestar seu brasão às instituições de ensino que acorram para a cultura regional. Finalmente, o falar cuiabano carece de sistematização metodológica, a fim de ultrapassar o folclore e atingir a ciência. Quer me parecer essenciais ambas as ideias às quais aproximam o conhecimento acadêmico com as necessidades populares.

Por derradeiro, Senhor Presidente. É certo somar minha voz ao coro uníssono dos acadêmicos que visitei e mesmo os que distam residência de Mato Grosso: a Casa Barão de Melgaço reclama seus assentos todos ocupados, a prantear a saudade dos que foram e rejubilar-se pelos novos artífices das letras mato-grossenses. De modo a debelar hostilidades beligerantes em corridas eleitorais autofágicas, é certa a demanda dos confrades pela abertura simultânea das cadeiras vacantes. Eis aí, Senhor Presidente, o alfabeto que se completa, o verso que rima, a prosa que finda.

Urge o epílogo das saudades para o exórdio das alegrias. Temos fé que é pela mão do atual gestor, sem tardança, que Vossa Excelência há de perfilhar para a Academia Mato-grossense de Letras os escritores que grassam a esperar a égide acadêmica. E não há carestia de intelectuais - basta olhar em derredor para mirar as pelerines futuras nas personalidades presentes

MINHA MISSÃO

Do mestre dos mestres, Ruy Barbosa, luminar das humanidades nacionais, tomo a palavra não como um fim. Ao inábil literato, ora empossado, resta manejar o vernáculo com propósitos de intervir na sociedade, resgatando paradigmas éticos e derribando convenções infrutíferas. Do deslusto poético da minha oratória, não se encontra alternativa senão bater-me por determinados valores. Talvez assim, no curso dos anos, as escusas dos mais ilustrados com a minha inaptidão literária, possa se estribar na compostura dos ideários.

Mercê de algumas críticas inopinadas, ouçamos novamente a maestria de Ruy Barbosa, a responder a contento: *“Eis ao que vem o padrinho, o velho, o abençoado, carregado de anos e tradições, versado nas longas lições do tempo, mestre de humildade, arrependimento e desconfiança, nulo entre os grandes da inteligência, grande entre os experimentados na fraqueza humana. Que se feche, pois, alguns momentos, o livro da ciência; e folheemos juntos o da experiência. Desaliviemo-nos do saber humano, carga formidável, e voltemo-nos uma hora para este outro, leve, comezinho, desalinhado, conversável, seguro, sem altitudes, nem despenhadeiros”*¹¹.

Afinal, qual o ímpeto lançou a minha candidatura para a orbe de letrados mato-grossenses? *“Cada um dá o que tem”*, sentenciava William Shakespeare. De minha parte, o valor mais caro do credo de minha profissão é a liberdade civil. Em meio aos desatinados atentados às máximas constitucionais da liberdade, vendendo-se o pudor de antanho por um fácil naco de fama instantânea, quantos cidadãos são desterrados no imundo cárcere para saciar a fome pelo holofote. Não contarão com os advogados a turba esqualida que clama por Justiça. Porque o justiceiro não faz Justiça e sim usa o poder do cargo para promover a si mesmo num espetáculo aviltante.

11 *Trecho extraído da Oração aos Moços.*

Tempos cinzentos estes, onde o cidadão treme diante do Estado, ao contrário de se ver amparado pelo braço forte do poder. É que, usurpando-se a lisura, o poder não mais representa, senão domina ou quer dominar. A independência da qual comungamos não se acocora ao poder constituído, repele a gravidade sedutora da autoridade, inflige de morte a censura. Não posso admitir que a independência constitucional entre os elos republicanos seja simplesmente ignorada, em nome de vantagens. Rompido o dique da separação de poderes, é chegada a hora de defender o frágil equilíbrio democrático, porque está ameaçada. Nenhum governante é tão bom que não precise deixar o poder. Não pertenço à grei que se deixa alugar ou, pior, vender à conveniências.

A sombra da ditadura não raro embaça o tirocínio político. Na Academia de Letras, estão os historiadores a relembrar a amargura da solidão e a decrepitude dos arbítrios; estão os jornalistas ao delebar a censura, imolada pelos alcaides; estão os poetas a metralhar de liberdade os governantes com os versos que se espalham de boca em boca e, finalmente, estão entrincheirados os juristas a combater vivamente os excessos da gula pelo poder. Eis aí o advogado, exército de um homem só, incitando a desobediência civil, consoante Henry David Thoreau, quando não há mais legitimidade no mandatário.

Como se fosse acusação, increpado que fui de ser defensor de criminosos, como desdouro à nossa sagrada profissão, reputamos conveniente nova citação do mestre Ruy Barbosa: *“Recuar ante a objeção de que o acusado é “indigno de defesa”, era o que não poderia fazer o meu douto colega, sem ignorar as leis do seu ofício, ou tratá-las. Tratando-se de um acusado em matéria criminal, não há causa em absoluto indigna de defesa. Ainda quando o crime seja de todos o mais nefando, resta verificar a prova: e ainda quando a prova inicial seja decisiva, falta, não só apurá-la no cadinho dos debates judiciais, senão também vigiar pela regularidade estrita do processo nas suas mínimas formas. Cada uma delas constitui uma garantia, maior ou menor, da liquidação da verdade, cujo interesse em todas se deve acatar rigorosamente”*¹².

Digo eu: a tirania faz do advogado a primeira vítima. Não nos dobramos, contudo, à boquirrota malícia dos detratores. Seja o fel dos detratores o sutil veneno a afogá-los. O advogado é ele sempre repreendido por ir de encontro com os caprichos do poder, anote-se. Querem-nos obliterados, humilhados, apequenados. Todavia, é o advogado a reserva de liberdade da sociedade civil e continuará a sê-lo, enquanto não imolado para calar-se.

Nessa altura, lembramos de Pedro Celestino, em momento crítico da vida política mato-grossense, por artigo em jornal, fazia publicar: *“é da história de todos os tempos que as grandes ideias têm sempre poderosos adversários; e, no nosso caso bem se explica o fenômeno – a vitória do bem geral fere em proporção direta o bem particular; estes têm os seus defensores natos que muitas vezes triunfaram, porém só materialmente, e nem sempre em absoluto”*¹³.

12 Trecho extraído do *Dever do Advogado*, carta a Evaristo de Moraes que acabou sendo publicada e transformado em cartilha das liberdades civis, com ênfase no direito à ampla defesa.

13 Trecho extraído do final do artigo publicado por Pedro Celestino em “O Debate”, do dia 09 de agosto de 1907 – conforme Virgílio Córrea Filho em “Galeria Matogrossense: Pedro Celestino”, Ed. Zélio Valverde, RJ, 1945.

Digo eu - dobre a língua os detratores da classe, porque lhes carece visão para enxergar que, molestando o jurista, sulcada está a democracia. Não admito opugnação (seja qual for ou de quem for), à figura do advogado por saber tombado este, tombará consigo a liberdade. Como não posso abrir mão da minha, finco o pé no orgulho da profissão. Não seria justo laurear-me por interseção da advocacia e, malsinando a lealdade, dela abortar-me a fim de satisfazer qualquer exigência. Advogado ontem, advogado hoje, advogado sempre.

Há tantos personagens da vida jurídica que se banham no holofote da mídia, que não se sabe ser audiência ou circo armado, o que até então era um honorável processo. É que os acusadores, untados de mídia, caçam troféus nas cabeças degoladas por uma moderna inquisição, onde carreiras são galgadas, fazendo de prisões os degraus.

Não ficaremos passivos diante do que nos acontece ao redor. Os homens e mulheres de letras não aceitam o definhamento da cultura e não será com postura plácida que sucumbiremos. Na lição de António de Arruda¹⁴: *“há os que vivem – se atiram corajosamente na voragem dos fatos, procurando captar todas as emoções. São felizes ou infelizes, mas vivem. Outros se deixam estar, assistem apenas. São os apáticos, eternos espectadores. Indivíduos que chegam à porta da vida e param – sapos. Na vida, não fazem mais do que isso – sapeiam”*.. Atentemos para aviso – não sejamos sapos, Senhores!

Academia de Letras: Casa das Liberdades. Aqui se ergue mais um refúgio para o pensamento libertário do grillhão do preconceito. Seja meu credo partilhado com os imortais, de forma que a Liberdade torne-se um conceito perpétuo nas mentes brasileiras e seja um daqueles valores familiares tão caros e tão comezinhos, ensinados à mesa aos de mais tenra idade. Eis aí minha pregação: cavar trincheiras contra o autoritarismo, a xenofobia e a violência. Sufragada comigo está, portanto, a liberdade – meu mais caro catecismo.

CUIABÁ

Senhores! Já vou me alongando. Um instante mais da atenção. Ronda-me, todavia, uma derradeira obrigação que se avulta mais um prazer do que um obséquio. Mas a dívida é extremada e não nos falta, nesta oportunidade, erguer um brinde à cidade que nos acolhe – Cuiabá.

Disse o inesquecível Silva Freire: *“falamos daqui, em nome dos irmãos nordestinos, em nome dos irmãos sulinos que compõe conosco o discurso polifônico da Liberdade, nos quadrantes nacionais de sua migração”*¹⁵. Digo eu – e, se falamos em nome de paragens distantes, escuta Cuiabá o testemunho que cinzelamos, rendendo homenagens.

No batistério, outra plaga distante lavrou minha origem. Do Rio de Janeiro, cidade maravilhosa, flerte da cuiabania até os presentes dias, tomei de empréstimo raras lembranças. Cresci em Cuiabá, mas na meninice não era de Cuiabá. Alcunhado de

¹⁴ Do livro *No Limiar dos 90 anos*, de António de Arruda.

¹⁵ Do discurso de posse de Benedito Sant'Anna da Silva Freire, na Academia Mato-grossense de Letras, em 5 de maio de 1984.

“pau-rodado”¹⁶, levava a marca do alienígena nas terras quentes, sem entender a dinâmica da sociedade secular. Desta linhagem do pequi, eu mesmo fui amargo crítico, confesso com a placidez de não ter pecado contra qualquer ancestral, pois não os conhecia. Contudo, foi na poética¹⁷ de D. Aquino Corrêa que entendi o sentido:

(...)
 Aquele é arrogante, audaz, sombrio
Emerge fora d'água e agita, no ar
Os braços hirtos, como em desafio,
E vai, além, ruínas espalhar,
Esbarrondando, em rudes solavancos,
Canoas, cercas, muros e barrancos.

Este, em vez, é pacífico e tranquilo,
Vem boiando à mercê da onda brava
E onde a barranca lhe oferece asilo,
Aí se apóia, o seu terreno cava,
Apruma-se, e enterrando as cem raízes
Revive ao sol seus dias mais felizes”

Espero eu pertencer ao segundo grupo, asilando-me em Cuiabá a deitar raiz nesta terra que gentilmente me abraçou e a tantos outros migrantes. Quando fecho meus olhos e me imagino velho, é numa cadeira de balanço na calçada que pretendo descansar, assuntando o movimento das gentes e dos carros. Ao ser questionado acerca da localização de determinado espaço, já aponto os locais pela proximidade com determinada família. Ali mora D. Maria, dos Oliveira; aqui mora D. Amália, dos Campos; acolá, mora D. Senhorita. Isto é ser cuiabano.

Disse José de Mesquita: “o cuiabano sempre foi de um largo espírito de hospitalidade, que pede meças ao tradicional acolhimento da gente montanhosa, e, além disso, de uma extrema tolerância. Quando, porém, ferido no seu pundonor, na sua hombridade, na pessoa de um de seus filhos diletos, levanta-se como um leão e reduz o agressor, pela força ou pelo ridículo, às mais grotescas proporções”¹⁸. Ora, e quem melhor que o maior icnógrafo cultural cuiabano para traduzir o espírito deste povo?

Quem quiser prosperar em Cuiabá que faça escola! É preciso primeiro conhecer as rimas do linguajar cuiabano, estudando a história das famílias que compõe a sociedade regional. Não vá abusando da boa vontade ou fazendo vassala a gente daqui. Viver em Cuiabá não é matéria para açodamento – estudo apostilado, onde cada capí-

16 Em 1969, Dunga Rodrigues lança livro intitulado *Reminiscências de Cuiabá*, onde afirma que a expressão “pau-rodado” foi cunhada por Frederico de Oliveira, o Zé Capilé, em versos satíricos publicados na imprensa local.

17 Trecho central da poesia *Paus-Rodados*.

18 (*Reações Cuiabanas 1, 1943, Revista do Instituto Histórico e Geográfico, in Cadernos Cuiabanos 4, 1978*).

tulo traz consigo uma lição de vida. Atreva-se a negligenciar as famílias tradicionais, ser oportunista ou imiscuir-se em questões políticas, antes mesmo de ter ciência de quem é quem: é um passo para o desalinho, o desarranjo, o fracasso.

Peçamos a benção ao passado, tão presente em nosso sangue. Sua benção gente de Ponce, dos Figueiredo, dos Monteiro da Silva, dos Póvoas, dos Pereira Leite, dos Corrêa da Costa, dos Ferreira Mendes, dos Müller, dos Albuquerque, dos Mendonça, dos Paes de Barros, dos Campos, dos Rondon, dos Cuiabano, dos Mesquita, dos Arruda, Huguene, Novis, Pompeu, Monteiro Duarte, Maciel, Costa Marques. Sua benção, gente de Malheiros, Canavarros, Delamônica, Hadad, Dorileo, Garcia, Miranda, Bussiki, Nardez, Palma, Oliveira, Palma, Murtinho, Cândia, dos Prado, dos Borges, dos Tenuta, dos Calhao, Seror, Capilé, Brandão Lima, Lotufo, Del Barco, Maluf, Scaff, Nadaf, Metello, Moura, Jaudy, Miraglia, Caldas, Mamede, Moura e outros tantos que ilustram nossa história e que passeiam vivos nos logradouros que tomam a heráldica e o nome de empréstimo.

Ser cuiabano não é ser provinciano, contudo. O cuiabano, ao contrário do que muitos pensam, é letrado e culto. Nessas casas de ruas tortas, com casinhas que de tão juntas, sustentavam-se uma na outra, estudava-se piano e francês no seio das melhores famílias e os jovens promoviam longas incursões culturais em terras distantes para capacitar profissionalmente instituições públicas e privadas. Mas ser cuiabano é se interessar pelo que acontece em derredor, importar-se com as coisas do entorno, cuidar da família e dos amigos. Ser cuiabano é ser amistoso, receptivo, afável.

Para viver em Cuiabá, é mister confundir as linhas das mãos com as ruas sinuosas da cidade. E na consulta à Mesquita, como era Cuiabá há 150 anos? *Vem a Rua de Cima, como a melhor artéria urbana; o Largo da Matriz (Praça da República atual), onde se viam o Quartel Militar e o Cárcere Público; a Rua do Meio, constituída em boa parte de fundos das casas da de Cima e da de Baixo; a Mandioca; a Rua de Baixo, com o seu prolongamento a Rua do Oratório (a atual sete de setembro); o velhíssimo Beco do Candieiro; a Rua Formosa (atual Joaquim Murtinho), a da Matriz (Antonio Maria), a Bella (Treze de Junho), a Rua do Porto no Beco; a Rua da Esperança (Antônio João); a Prainha, o Hospital da Misericórdia; o Mundéu; a Rua do Campo; a Rua da Fé; a Boa Morte com o seu Pateo; a Ladeira da Misericórdia; a Rua do Rosário e bairro Atrás da Igreja de mesmo nome; o Baú, o Bom Despacho*¹⁹.

Não foi apenas em prosa que Mesquita²⁰ se destaca ao louvar a Cidade Verde. Vejamos:

*“Meu carinho filial e meu sonho de poeta
Vêm-te, ó doce cidade ideal dos meus amores,
Em teu plácido vale, entre colinas, quieta,
Como um Éden terreal de encantos sedutores.*

19 Descrição retinada de José de Mesquita, em ensaio “Cuyaba de ha um século”, datado de Setembro de 1927, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

20 *Civitas Mater*, de José Barnabé de Mesquita.

*Tuas várzeas gentís estreladas de flores
Sagram-te do sertão a Princeza diletta
E o Sol te elege, quando, em íris multicores
Na esmeralda dos teus palmares se projeta.*

*Nenhuma outra cidade assim à alma nos fala,
Dos teus muros senis a tradição se exala
E a nossa História inteira em teu brasão reluz.*

*Ainda hoje em teu ambiente, ó minha urbe querida,
Paira dos teus heróis a sombra estremecida
- Nobre Vila Real do Senhor Bom Jesus”!*

Os casarios que tombam levam consigo um naco de identidade. O tempo desanca a pretensão humana pela eternidade, mas o homem acelera a degeneração cultural. Escuta, Cuiabá! Onde está você dos meus sonhos de menino? Onde estão seus becos e ruelas? Para onde foram os mangueirais e os cajueiros? Escuta, Cuiabá! Ouçamos a prece poética de Moisés Mendes Martins Jr²¹:

*Cadê seus becos?
Em casa esquina, um “chinfrim”
Um bêbado alegre, trançando as pernas, “ansim, ansim”
Beco sem cara, chamado “Chico”
Sem moagem, sem fuchico
Sem vira-lata que late,
Sem biscate sem donzela,
Namorando na janela.
Sem feijoada na panela,
Sem carrinho do peixeiro, sem o grito do padeiro
Sem pagode, sem rasqueado, não é Beco não!
Onde andam os meus becos,
Do sovaco, quente, torto, urubu,
São Gonçalo e candeeiro.
Cadê meus becos? Cadê meus becos.
Entre prédios e arranha-céus, abafados,
Morrendo tudo que Deus me deu
Sepultado pelo tempo!*

21 *Revendo e Reciclando a Cultura Cuiabana, 2ª Edição, Janina.*

De imortal Pedro Rocha Jucá no sítio virtual Varanda Cuiabana²²: *A “Linguagem Cuiabana” pode ser culta e vulgar e quem pensar que ela é incorreta, ou vício de linguagem, não “teve a fortuna” de ler os grandes mestres cuiabanos em diferentes épocas: desembargadores José Barnabé de Mesquita e Antônio de Arruda, professores Antônio de Figueiredo Cesário Neto, Filogônio de Paula Corrêa, Nilo Póvoas, Isac Póvoas, Benedito Pedro Dorilêo, historiadores Corsíndio Monteiro da Silva, Estevão Anastácio Monteiro de Mendonça e Virgílio Corrêa Filho, entre outros. Ou desconhecem nomes de ilustres cuiabanos como o marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, Presidente Eurico Gaspar Dutra, Ministros Roberto de Oliveira Campos e Joaquim Duarte Murtinho, e outros, com destaque para Dom Francisco de Aquino Corrêa. Até a ‘Linguagem Cuiabana’ vulgar é correta, pois corresponde ao Português falado no Século XVIII*”:

“Quem cotchitcha, o rabo espitcha.

Quem escuta, o rabo encurta.

Quem importa, o rabo entorta”.

Aqui sim, jazem as faculdades que mais nos importam, onde o glossário cuiabano pertence às primeiras séries da alfabetização amorosa. Cultivar o carinho pela fonética regional não é desprezar a cultura erudita, como acusa o obsessivo do regionalismo. Após as minhas bodas de prata com Cuiabá, no dia 08 de abril passado, onde casei duplamente com a terra, ao desposar uma mulher cuiabana, pela manhã, e à noite receber a grinalda da cidadania cuiabana das mãos do Vereador Luiz Mário, na Câmara de Vereadores, *“penso não destoe da aristocracia desta tertúlia”*²³ a escolar lição de cuiabanes, pessoal esforço por homenagear a cidade acolhedora com os carinhos da fala:

Shas Criança! De mamano a caducano...Tá todo mundo enfadado com este canivete curtido só que rodea-toco?Cordero o guri! Os pessoá verdolengo de fome com essa moage. Gente de quem que ele é? Gente de onde será? Ispiaí - esse falatório nem num acaba mais, é bem ladino esse povo da Academia, né? Mas espera: ta todo mundo ocio pro refresco com bolachinha lá do Leilinha.

Ocês ainda não assuntaram? Ê-Á! Agora quando! Essa posse é só discurma pra coalhar de gente pro fuxico e pra manducar até supitá! Tem tanto trem supimpa que é pra empatxá. Ninguém nem sabe o que os povo gosta mais – se é do chá ou do pampero – um picano o outro, precisa de vê! Mas nem um chêro de mata-bicho serviram? Ah, bora vê se o bifê é bem lambido ou é digoreste. Vamo aguardá a falação pra depois tomá uma bem gelada!

E, óia, falava que tinha uns cara de cachorro que só gorava nossa campanha, só fazeno catimbó... mas quá! Esses num ganha bolachinha, faz rejume. É pêta! Num to fazeno inferno! Nós tudo agora, passado o diz-que-diz-que da eleições, temo que brindá junto. Não é pra ficar roeno os cotovelo, criatura! Vamo festejá Dr. Antônio que tá mais D. Lélia nas artura com punhado de gente amiga.

22 <http://www.varandacuiabana.blogspot.com>

23 Frase de Francisco de Aquino Corrêa, na festa oferecida pelo então Centro Matogrossense de Letras, em 21 de maio de 1927, comemorando-se a eleição do confrade à Academia Brasileira de Letras.

Disque... os abelhudo de fora que só fica sapeano, tá falano que tem velório. Não é todo dia esse muxirum na cultura, né? Os povo das letra é demais de sério. Figa! O bão mesmo era quando o salão tava atapetado de gente, todo mundo ajojado pra ver Dunga tocá uns limpa-banco, Mesquita discursá, D. Aquino rezá... Era só piché e alfenim, mais bolo-de-arroz, puxa-puxa, mané-pelado, francisquito – tudo essas coisa. Agora, tá tudo meio amudado, meio calado. Tem que falá pra'esse povo lançar fora essa montueira de poesia e história pra todo mundo vê, senão os guri fica tudo no ora... veja. Tem que mostrar pra'esses pau-rodado que Mato Grosso tem fermosa tradiçãos. Como não?

É que a cuiabania não pode dá-no-padre, né? Tem que ficá viva. Do contrário, os mais velho pica-a-mula e vai pousa noutro lugar. Essa sem-graceira de caçoá co'cara do cuiabano: “Cuia, Cotxipó entcheu?”. Vamo pará com essa anarquia! Agora, Cuiabá é metrópole, nem num sei disso! Mas, espia...essa tar de modernidade é meio rabo-de-arraia. Num tem mais montueira de coisa boa que dá saudade. A gente então namorava com o pau-de-cabeleira atrás, só segurando vela. Era um tar de passar-dia no Porto, pagando café pra turma. E tomava um quebra-torto na casa de um e de outro, até ficá estufado. Ah, agora quando! Cadê as nossa gente que só se encontra em solenidade ou em velório?! Vamu aprumá, cuiabania! Não vamu dormi de toca!

A gente saía assim, flanano carcado só de bambolê, sem somá co'nada. Andava pra comprá-porco, sem destino. Era tudo amigo. Tomá guaraná na casa de um, chupá caju na casa de outro. Entonce, era um tempo demais de bão! Pouca gente enricava, era tudo simples, de botá cadeira na calçada à tardinha. Num tinha ninguém abonado, com a-ufá de soja, de boi, com a burra cheia! Hoje tamu tudo meio defumado nesse Cuiabá, né? Nem num dá pra banhá no corgo da Prainha ou lavá roupa lá no Pedra do 21. Mas...ainda tem um punhado de gente que ainda bota as cadeira pra tomar sereno, morgano depois da ceia. Só recolhe, quando dá friage, pra não dá constirpação, né?

Minha casa era tudo de porta aberta, sem perigo. De adobe, fresquinha de pisá. No quintá, sempre os mangeirá e ali, no canto, aquele cajueiro demais de grande, florido depois da chuva. Espia o poeminha de Moisés²⁴:

*Minha casa geminada
Qual alma do meu povo.
Uma porta uma janela
De trancas e tramelas.
Calcada alta pra 'tchuva' escorrê.
Testada vermeia, branca amarela
Uma cancela que sempre 'geme'
Quando 'tchega' 'tchegnté'
Feita de frente pro Sol poente.
Minha casa, não é só casa,
Minha casa em lar!*

24 *Op. Cit.*

*De portas abertas, prá quem passar
De portas abertas, prá quem chegar.*

Era bem tranquilo nossa cidade. Tinha uns oreia, carne-de-pescoço que quando comia um engasga-gato ou brigava na politicagem, fazia piseiro em Cuiabá. Daí os coroné arrepiava e ficava tudo em paz de novo. Lembro de tudo esse, alisando a roupa, aprontano ligero pra ir pra escola. Nós ia com o cabelo tudo a trouxe-mouxe suportá aqueles professor casca-de-ferida. Tudo nós remelento, num era os povo fino do Centro. Era uma viagem pra chega no Cotxipó-da-Ponte, alembra? Quando era a hora da merenda lá no Petche-Frito, depois de cumê fiado nos bulicho, os guri ficava de chacho co 'as moça, dava aquele tropé. Depois, tudo vortava a ser amigo. Precisava de ver...

Aforante isso, tenho medo o amenhã. To meio macambúzio. Num se sabe o que vai sê, a gente vai atamancando, né? Só gosto de alembra que nós curria tudo de a pé, pulano nos quintar despois da chuva de caju, só sujano as ropa-branca que tava quarano. Os meni-no brincava com pandorga, bulita, pau-de-bosta, ou ajuntava um no outro com pari-gato. Obrava até na rua. Vote!!! Era uma falação da piaveira, mas era demais de bão. "Rapariga da guarita, não tem mais...". Larga mão, guri: óia o abuso!

Còesse povo diferente, ta um vasqueiro de música. Fico aqui padecendo ressabiado c'essas modernidade. Quando que nós vai de novo com a perua a-ufa de gente lá no Bem-Bem? E no Clube Feminino, acabano a seresta lá no Dão Bosco. Ê-Á, agora de que será? Bunito pro-cê saindo chilado de lá, torto de tomá umas bem gelada! Ficava nós tudo só no tortoá na Praça Alencastro: um que sobe, um que desce. Precisamo rufá o pau de novo, meu povo!

Pois é, shô mano! Parece transanteontem...Dá uma tristura quando a gente não reconhece mais nossa terra. Tô meio jururu. Nhô sim! Duvidá, tem pouca gente que ainda sente orgulho de ser cuiabano. Ê da sabença de todo mundo que esses pessoar da curtura não é quarta-feira e há de lembrá das vertude dos antigo. Tem que ter mais festança, que nem o reinado de São Benedito ou do Divino Espírito Santo. Quiu, quiu, montô no porco! Os povo tá còsaude de se incontrá no espeio e sabê que tem vida no Cuiabá. Mas...quem bejô, bejô...quem não bejô não beja mais? Aonde! Rebuça, caititu!

Mira que mimosa a quadrilha do poeta Hélio Serejo²⁵ que acaba de nos deixar:

*Oia...é a garça morena
Bunita...sortano pena;
Aquele preto...o chupim,
O co da terra...o sem-fim...
E essa doída chocadeira
É o ronco da cachueira;
Como para, seu Antão
Bote a mão no seu coração

25 Falecido em outubro de 2007, o poeta e acadêmico Hélio Serejo escreveu *Canto Caboclo*, de onde extraiu-se a poesia citada.

*Agora, tire o chapéu
Tamo chegano no céu.
É ali meu Mato Grosso
Esse gigante Colosso.*

Prestenção, abestado! Larga de mão! Ninguém aqui é bocó. Nós fala anssim pru-quê é da terra. Gente do Rio-Abaixo, Gente do Rio Acima, Gente do outro lado do Rio, é tudo sabido, viu? Um horror de janota que zombava de nós, nem num esquentô a cama no Cuiabá: tudo posudo foi protras banda. Quem tem a fortuna de vir pro Cuiabá é demais de largo! Num tem esses povo que tem a pachorra de lambê os beicho co'nosso petche-co-maxixe prá despois arrotá churasco, rufano a cidade? Vote! Pros tocera que fica posando de esperto, sujo que tá...diz-que tamo rino da sha cara! Toma! Óia o pito!

Conheceu, papudo? Num me entendeu? Quem não sabe as língua dos povo, é tudo Bobó chera-chera! Bocó-de-fivela! Num é pra ficar murdido, shô mano! Só tô chuçando pra ver se ocê aprende! Tamo abanando, shás criança – tô que nem capa de gaita! Bons anos pro'shes. Mas, óia: diz pro povo digoreste da Casa Barão de Mergaço mandá tudo os mequetrefe dá o pira daqui, despois bater no peito e dizê –sô bem cuiabano, de tchapa e cruz!²⁶

Reparem na excentricidade do orador que da prosa, arriscou um verso! Justifica-se, porém, essa breve incursão, em prol de enfeixar o sentimento mais absconso do coração da plateia. A perdurar apatia, as nossas coisas vão se amofinando lentamente, numa letargia triste da modernidade ignorante. Senhores! É tanto carinho por estas ruas e casarios, é tanta fé nesta gente cuiabana que só não morro de amor para poder viver de amor. Escuta Cuiabá! Declamou um dia o jornalista e poeta Carmindo de Campos²⁷:

*“Cuiabá, minha velha e lendária cidade.
Você está remoçando...
Está ficando mais bonita ...
Está ficando mais, muito mais, catita.*

*Se Pascoal Moreira Cabral visse você agora,
Garanto, não ia mais embora,
Nem Pires de Campos, nem outro bandeirante,
Porque você minha velha, está fascinante!*

26 Texto próprio com vocabulário retirado de “O linguajar cuiabano e Outros Escritos”, de António de Arruda e complementado pela “Linguagem Cuiabana”, glossário presente no sítio virtual Varanda Cuiabana, de Pedro Rocha Jucá.

27 Do poema “Cuiabá” de Carmindo de Campos, nascido a 28/05/1898 e falecido a 28/05/1973

*Você bem merece a liderança
Desse velho e valente Mato Grosso.
Você tem um quê que prende a gente.
Você, minha velha, é um colosso!...*

*Tudo em você, tudo, recende a Brasil.
Seus morros, seu rio piscoso, o céu de anil.
Seu rio é seu pai, e igual não há.
Foi ele quem lhe deu esse nome poético: Cuiabá!*

*Oh minha cidade linda, não sei porque,
Quando sinto imensas saudades de você
Sinto saudades do pacu, do bagre, da piraputanga,
Do licor de pequi, doce de caju e da manga!*

*Sinto saudades desse calor sadio,
Que às vezes é melhor, muito melhor que o frio!
Oh minha cidade linda, que igual não há:
Oh minha velha e idolatrada Cuiabá”!*

Talvez por isso, a votação de dois terços da Casa de Leverger não tenha sido em meu benefício, mas sim uma antecipação da minha homenagem à Cuiabá. Eis aí a justa paga da cuiabania. Seja, portanto, o meu epitáfio a certidão de nascimento que não tive – um cuiabano. É o favor que rogo à minha posteridade.

À GUIZA DE CONCLUSÃO

A fim de seduzir os circunstantes, promovo o desenlace do discurso, permitindo-me uma simpática quadrinha do imortal Newton Alfredo de Aguiar:

*“Discurso na Academia,
Terror de todo imortal!
Se é grande, logo entendia
Se é pequeno, “pega mal”²⁸.*

Pedindo as escusas da assembleia por ter imprudentemente ignorado a sentença do grande orador Horácio – *esto brevis et placebis* – sê breve e agradarás, colhendo a compreensão de todos pela grave missão de resgate de valores e comunhão popular e acadêmica, despeço-me como comecei: louvando a Deus e a N. Senhora de Auxiliadora, beijando Geraldo e Carla Mahon e amando a esposa, Clarisse. Espero que, neste final, meu pai diga consigo mesmo – Arretado!

²⁸ Extraído da posse do acadêmico Newton Alfredo de Aguiar, em 18 de abril de 1986.

Disse Fernando Pessoa – “*Deus quer, o homem sonha, a obra nasce*”. Eis-me aqui, Senhores!, Aí está o discurso – a missão é finda: não me é dado o sentimento de medo, porquanto sonhei o que o Grande Arquiteto do Universo assim o permitiu. Os irmãos da Augusta e Respeitável Loja Simbólica Justiça e Liberdade, jurisdicionada pela Grande Loja Maçônica de Mato Grosso, podem afiançar por mim que nunca me acoorei frente ao poder ou à autoridade: assumo, pois, a imortalidade mato-grossense de bom grado e sem peias, levando comigo a compostura do avental de trabalho incólume de manchas.

Feito o minucioso inventário das biografias, das intenções e das emoções, seja eu merecedor ou não da cátedra imortal, julgue-me os senhores no presente, e outros, no futuro. No ocaso da vida, procurarei fazer minhas as palavras do próprio Leverger que me cede o magno assento: “*Só, sem apoio, nem auxílio, no meio de estranhos, pude, com o meu trabalho, prover, os meus da subsistência material e intelectual. Minha vida não foi isenta de peripécias; mas nenhum desastre a convulsionou. Não sou rico, nunca o fui; jamais, porém, me faltou o necessário. Pude até muitas vezes satisfazer desejos e caprichos que, aliás, de contínuo busquei o que felizmente consegui. Sem intrigas, nem proteções, logrei alcançar certo nome e posição social que, sem me darem vertigem, estão contudo, muito acima do quanto eu poderia ter ambicionado*”²⁹.

Eis aí a dissecação pública ao orador, da qual falava Gervásio Leite. Neste breve pretérito, julgo não tenha eu alvejado o léxico nacional, nem arranhado a gramática com seus signos mais ortodoxos, pois que ultrapassei todo regramento cerimonial, a extravasar do peito sentimentos que não cabem na métrica da minha prosa. Houve, num átimo, poesia. Daí que, nessa altura, já sem freios, lanço-me à peripécia de declamar uma minha autoria, no seio do Parnaso Mato-grossense:

Eu tentei, mendigando, fazer-te um verso
Recortar, de memória, as melhores passagens
Buscar na lembrança os mais lindos concertos
Mentir pra mim mesmo, impossíveis viagens.

Fingir-me um poeta, de enormes vertigens,
Ou um cavaleiro Quixote inspirado
Quem sabe as lembranças de mulheres virgens
Ou gozos que tive, sem fugir culpado.

Não darei a saber quem amei muitas vezes
Centenas de beijos ou juras covardes
Jamais saberás quantas matei a sede
Ou se traí umas com outras, no cair da tarde.

29 Trecho encontrando em Virgílio Corrêa Filho, na obra *O Bretão Cuiabanzado*, publicada na Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso, 1929, fls. 51 e ss.

Pega o que é teu, por direito, Clarisse
Aquele carinho que foi sonogado
Sempre há no céu uma estrela que disse
'Nunca é tão tarde, esquecendo o passado'

Toma o que é teu sem demora, menina
Antes que o vento me leve, ligeiro
Faça de mim um começo de novo
Ultimo homem e pra ti, o primeiro.

Escuta Cuiabá! Como Ruy Barbosa prelecionava: “*Há moços velhos e há velhos moços*”. Este moço envelhecido pelas tradições cuiabanas nas quais se batizou, finaliza a peroração à sombra dos vultos eminentes que hoje cobram a dívida deste recipiendário com as letras, à maneira do ocupante primaz da Cadeira 11, o Prof. Estevão de Mendonça³⁰: “*outros fariam ou farão melhor; eu fiz o que pude*”.

Muito Obrigado!

30 *Datas Mato-grossenses, citando Castilho.*